

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: MODOS DE DIAGNOSTICAR E EMANCIPAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Willyan Ramon de Souza Pacheco; Herbene Fernandes Pimenta; José Emidio da Silva Neto

Universidade Federal de Campina Grande – willyanpacheco@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande – herbenefpimenta@gmail.com

Universidade Federal do Cariri – jose.emidio.12@gmail.com

Resumo: A proposta de avaliação educacional, por alguns pesquisadores, tem se constituído a partir de uma prática crítico-reflexiva, como atividade que busca diariamente compreender o avanço, o crescimento e a especificidade de cada educando no âmbito do processo de ensino-aprendizagem. Em decorrência disso, o ato de avaliar de modo somativo, classificatório, atribuindo um juízo de valor sistemático na produção do conhecimento do sujeito, tem sido substituída por uma concepção diagnóstica e formativa, por uma dimensão dialógica e humanística que oportuniza a construção do conhecimento, que viabiliza a inclusão do sujeito discente no ato de avaliar. A avaliação possibilita nesse processo, a competência crítico-reflexiva que oportuniza ao docente ressignificar suas técnicas e inserir o discente de modo significativo na produção do conhecimento, na aquisição dos saberes sistemáticos, na constituição de um ensino emancipatório. Nessa acepção, objetivamos, nesse estudo, explorar a dimensão diagnóstica e formativa do processo de avaliar, explorando criticamente a avaliação somativa como atividade classificatória, técnica e excludente e a avaliação diagnóstica e formativa como instrumentos de inclusão, reflexão e transformação. Dessa maneira, buscaremos compreender a avaliação como ferramenta emancipatória, como instrumento crítico-reflexivo, como ação indispensável no processo de ensino-aprendizagem e na potencialização e amadurecimento da prática pedagógica do profissional docente. Para a materialização desse estudo usaremos como metodologia pesquisa bibliográfica, assim, exploraremos estudos de autores que compreendem a avaliação como processo contínuo, inclusivo e reflexivo. Com isso, utilizaremos referenciais que direcionem as problemáticas aqui colocadas numa dimensão crítica, onde exploraremos sistematicamente questões que circundam a avaliação e o ato de avaliar. Podemos então compreender a avaliação como processo constante, como atividade que possibilita a reflexão crítica acerca das práticas adotadas no âmbito da sala de aula. As práticas avaliativas devem então ser redimensionadas, ressignificadas de modo que oportunizem a inclusão do aluno na constituição desse processo, evidenciando em cada sujeito a competência para potencializar o ato de avaliar e torná-la uma ferramenta indispensável na produção do conhecimento significativo, incluindo efetivamente o sujeito discente no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação, Mediação, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Pensar a avaliação é buscar ferramentas que possibilitem o redimensionamento de uma prática pedagógica inclusiva e compromissada com o desenvolvimento integral do sujeito discente. Nesse aspecto, precisamos buscar cotidianamente instrumentos que direcionem a intencionalidade docente a uma dimensão humanística e dialógica que visualizem o aluno subjetivamente, em sua especificidade, oportunizando uma avaliação significativa, uma ação emancipatória e transformadora, uma mediação competente que proporcione uma avaliação formativa.

Em decorrência disso, é preciso observar a especificidade de cada avaliação no contexto social de cada discente, torna-se necessário compreender o ato de avaliar como

oportunidade de construção de conhecimentos. Nesse sentido, encontramos com três tipos de avaliação, sendo elas: somativa, diagnóstica e formativa. Essas avaliações centralizam-se no processo de ensino-aprendizagem como alternativas para compreender a evolução contínua de cada aluno.

O ato de avaliar, a partir da singularidade de cada sujeito, evidencia-se como alternativa indispensável para produzir conhecimentos significativos, aprendizagens múltiplas e contextualizadas, experiências indispensáveis na constituição do conhecimento sistemático. Assim, é relevante abordarmos avaliações que primem pela subjetividade do sujeito, que avaliem não apenas a competência, mas o avanço, o crescimento, o desenvolvimento constante.

Nessa perspectiva, objetivamos nesse estudo compreender a avaliação como ferramenta potencializadora do processo de ensino-aprendizagem. Buscaremos então explorar a avaliação somativa, diagnóstica e formativa para assim direcionar nosso estudo a uma perspectiva subjetiva, analisando a influência de cada avaliação na produção do conhecimento sistematizado e na construção de uma reflexividade crítica que oportunize o amadurecimento da prática docente. Dessa maneira, buscaremos compreender a avaliação como ferramenta emancipatória, como instrumento crítico-reflexivo, como ação indispensável no processo de ensino-aprendizagem.

Para a materialização deste trabalho, utilizamos como metodologia pesquisa bibliográfica e assim buscamos aporte teórico em estudos de autores que compreendem a avaliação como processo contínuo, inclusivo e reflexivo. Com isso, utilizaremos referenciais que direcionem as problemáticas aqui colocadas numa dimensão crítica, onde exploraremos sistematicamente questões que circundam a avaliação e o ato de avaliar.

METODOLOGIA

O desenvolvimento desse trabalho deu-se a partir de pesquisa bibliográfica, desse modo utilizamos referenciais teóricos que buscam problematizar as questões aqui colocadas. Assim, apropriamo-nos de autores que compreendem a avaliação como prática emancipatória, inclusiva e reflexiva, como ação que possibilita a ressignificação da prática docente e oportuniza a produção de conhecimentos significativos.

A AVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA DIAGNÓSTICA

A vida em sociedade nos condiciona a convivermos uns com outros, e nessa convivência muitas vezes somos surpreendidos e surpreendemos com algo que não nos é

conhecido, ou seja, algo novo, desde hábitos simples a situações mais complexas. A sociedade é multicultural, e dentre esse multiculturalismo, os indivíduos trazem seus conceitos, opiniões, visão de mundo que diferem uns dos outros. Nesse sentido, passamos a fazermos juízo do que seria certo ou errado. Assim, podemos perceber que o ato de avaliar está arraigado no ser humano inconscientemente.

A avaliação é algo intrínseco no cotidiano da vida, a todo instante estamos avaliando e sendo avaliados, em diferentes circunstâncias e perspectivas. Diante das avaliações nas quais estamos inseridos, estão às representações sociais as quais são comumente parâmetro avaliativo que reproduzimos sem ao menos nos darmos conta de tal feito (LUCKESI, 2002) Atinente a isso Belloni, (1999, p. 37) diz que:

Todos nós fazemos avaliação a cada momento e tomamos decisões em função dos resultados de nossas avaliações. Avaliamos se demos uma boa aula e como poderemos aperfeiçoá-la; se nos relacionamos adequadamente com diferentes tipos de parceiros de trabalho ou de vida; se fizemos um trabalho de forma correta; avaliamos o nosso orçamento diante de nossas necessidades; fazemos avaliações, isto é, formulamos juízos quotidianamente e tomamos decisões pautamos nossas ações em conseqüências dos resultados de avaliação que fazemos. São avaliações informais, não sistemáticas, para fins individuais, particulares.

Assim, podemos compreender que avaliamos um determinado objeto de estudo sem uma precisão para o significado da avaliação, o que segundo o dicionário Houaiss (2010), é apreciação da competência de um profissional, do progresso de um aluno etc. Barlow (2006) esclarece que o termo avaliação é recente e ambíguo em seu significado, começou a ser utilizado na França por volta de 1970, porém dicionários generalistas ainda ignoram o uso da palavra avaliar na educação. Dentre alguns conceitos que variam de acordo com a aplicação do verbo avaliar, Barlow (2006, p. 12) diz que: “em suma, avaliar é emitir um julgamento preciso ou não sobre uma realidade quantificável ou não depois de ter efetuado ou uma medição”. Para Luckesi (1997, p. 92):

O termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo da composição a-valere, que quer dizer “dar valor a...”. Porém, o conceito de “avaliação” é formado a partir das determinações de conduta de “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...”, que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado.

No âmbito educacional a avaliação tem sido motivo para discussões que nos remete à refletirmos sobre o ato avaliativo, que proporcione aos atores envolvidos no processo educativo a possibilidade que não condicione a soma de notas, a uma medida que mensure o saber, mas, a compreensão e evolução do conhecimento nas mais variadas áreas da vida de

maneira contínua, dia a dia, colaborando com o processo de ensino aprendizagem, não apenas para atender a demanda social exigida por números.

Nesse sentido, a avaliação como instrumento que norteie a prática docente significativa, constitui-se desafiadora para romper com os paradigmas da avaliação vigente na ação educativa em todos os níveis de ensino. Tendo em vista, que avaliação tem início na cultura produzida na sociedade, e imbricada pela ciência, filosofia e modo de ser e viver.

Para a mudança desse processo avaliativo, é necessário entendermos que realmente avaliar é um caminho constituído de inúmeros fatores e não somente de um resultado obtido através da medida de grandeza, como observar-se no âmbito escolar classificatório. Na avaliação somativa, que ao final de um ciclo legitima o saber de determinados conteúdos em detrimento de outros (promovendo os alunos que atingiram o número que a “fita métrica” autorizou pelos seus décimos e desclassificando os que não atingiram o êxito numérico exigido) o processo de avaliar restringe-se a dados quantitativos que impossibilitam uma dimensão dialógica e reflexiva, postura indissociável à identidade docente.

Tal prática escolar, atribuí ao estudante a culpa pelo seu “fracasso” na vida estudantil, podendo esse sentimento ser internalizado na maioria deles para vários aspectos da vida, causando frustração pela suposta falta de competência que os exames os classificaram como tal. É necessário entender que tais hábitos servem para produzir medo e garantir a submissão internalizada, (LUCKESI, 1997) e esse estigma, Luckesi (1997, p. 51) ainda esclarece o que ocasiona essa violência simbólica:

O clima de culpa, castigo e medo, que tem sido um dos elementos da configuração da prática docente, é um dos fatores que impedem a escola e sala de aula de serem um ambiente de alegria, satisfação e vida feliz. Assim, as crianças e os jovens rapidamente se enfiam de tudo o que lá acontece e, mais que isso, temem o que ocorre no âmbito da sala de aula.

Portanto, podemos observar a ocorrência de tais fatos na prática educativa no geral. O distanciamento entre docentes e discentes nos debates que envolvem o ato de avaliar, gera divergências que dificultam uma prática avaliativa inclusiva, minimizando a possibilidade de se estabelecer instrumentos que oportunize a ambos constituir uma avaliação que potencialize o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, a avaliação diagnóstica como pressuposto da prática docente, pode subsidiar e nortear as possibilidades de avaliar e sermos avaliados concomitantemente de maneira menos injusta, já que a avaliação é parte intrínseca na história da humanidade e arraigada de injustiças, sendo esse aspecto de uma complexidade classificatória, histórica primária (DEMO, 2002).

A atitude de avaliar como instrumento diagnóstico, propicia não somente o bom desempenho do discente, mas a autoavaliação do profissional, e este, por sua vez deve se eximir da avaliação tradicional que usualmente a escola utiliza, métodos que se distanciam do real sentido de avaliação, ocasionando prejuízo para o estudante. No entanto, (LUCKESI, 1997) diz que a proposta da “avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção”.

Nesse sentido, se faz necessário para o processo avaliativo agregar valores sentimentais como: sensibilidade e empatia para que o elo entre discente e docente possa ser fortalecido e prazeroso, com o intuito de colaboração, e não se configure em medição de forças, de quem legitima o saber. Comumente, constatamos provas/exames que realmente são elaboradas com a intencionalidade de barrar o estudante, e aparentemente esta atitude causa bem estar em determinados professores, mesmo que o aluno não consiga resultados satisfatórios. Hoffmann (2008, p. 79) enfatiza:

O processo avaliativo acompanha o caráter dinâmico e espiralado da construção do conhecimento, assumindo diferentes dimensões e significados a cada etapa da construção do conhecimento. A relação professor/aluno, via avaliação, é complexa e multidimensional à medida que representa, permanentemente, enviar e traduzir mensagens por ambas as partes. Cada um deles estará sempre interpretando o que ouve e o que observa do outro, tanto em relação ao processo de aprender, quanto ao próprio conteúdo de aprendizagem.

Para tanto, o diagnóstico avaliativo oportuniza uma mudança no encaminhamento metodológico para que determinados conteúdos, que possivelmente não tenha sido alcançado de maneira compreensiva e necessária por partes dos estudantes. Possibilitando assim, o redimensionamento da prática docente, otimizando o aprendizado em conjunto. Pois, uma vez que os discentes atingem resultados satisfatórios, os docentes e toda a equipe escolar cresce, em dimensões qualitativas de humanização e saber sistematizado.

O educador ao fazer uso na sua ação educativa, da avaliação diagnóstica, utiliza-se também da psicologia para compreender os educandos. Não isentando-os da importância da participação do discente nesse processo, mas valorizando os conhecimentos prévios que todos como indivíduos adquirimos. No entanto, através desse instrumento avaliativo, torna-se possível o diagnóstico e posteriormente o prognóstico, o primeiro: de onde vem a dificuldade do aluno? E segundo: o estudante da conta dessa avaliação? (BARLOW, 2007).

Não obstante, as dificuldades no contexto educacional vigente na atualidade, é imprescindível, buscarmos instrumentos que viabilizem acesso ao saber sistematizado, e apontamos a avaliação da aprendizagem como pressuposto não somente para o acesso as

instituições educacionais, mas também para a permanência dos educandos nessas instituições, sem que a avaliação os afastem da escola, classificando-os rotulando-os por quaisquer que sejam os títulos.

AVALIAÇÃO FORMATIVA: UMA MEDIAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Construir práticas avaliativas consistentes que tenham relevância social, que possibilitem uma reflexão sobre a sociedade, que não se limite ao âmbito escolar, mas explore dimensões políticas, técnicas e humanas no cotidiano, é um dos objetivos sociais que a avaliação precisa alcançar. É necessário ressignificar o conceito de avaliar, é preciso redimensionar a ação avaliativa onde o aluno pode e deve interferir e construir seus conhecimentos em comunhão com os demais. Nesse aspecto, a avaliação deve ser vista como uma oportunidade para apreender, para desconstruir e reconstruir uma postura crítico-reflexiva.

Dessa forma, professores e alunos constituem-se num todo que busca diariamente construir pontes que oportunizem um processo de aprendizagem prazeroso e constante. A avaliação formadora seria então uma prática mediadora, uma ação que possibilita a emancipação do sujeito, que oportuniza uma formação crítica, que constrói uma postura reflexiva e redimensiona os conhecimentos sistemáticos, abstratos e os contextualizam, os ressignificam, inserindo efetivamente os alunos no processo de aprendizagem.

É certo que essa concepção ainda deve ser explorada sistematicamente pelos professores, os docentes precisam evidenciar em cada aluno a sua predisposição para aprender e a partir disso, iniciar uma ação avaliativa que irá permitir reconhecer as habilidades já dominadas e as que necessitam aprimorar ou desenvolver. Deve-se, portanto, partir do professor a elucidação dessa concepção avaliativa, para que os alunos compreendam o ato de avaliar como uma prática coletiva, que irá beneficiá-lo, que possibilitará conhecer seus desafios para assim superá-los.

Com isso, a avaliação formativa ou mediadora, que coloca o aluno no processo de aprendizagem e constrói com ele os modos significativos de avaliar, possibilita um olhar subjetivo que é direcionado às especificidades de cada aluno, que permite-se conhecer e redimensionar a ação docente através das particularidades que são colocadas. Assim, a avaliação não estaria apenas no processo de aprendizagem para evidenciar o sucesso da mediação pedagógica dos conhecimentos, mas para estar constantemente a serviço da aprendizagem, para compreender o aluno e se reconstruir com ele.

Estaria a avaliação se inserindo nos contextos sociais de cada educando? Deve-se colocar em pauta nas escolas, nos planejamentos, nas reuniões com os pais não apenas as dificuldades, mas o avanço, o sucesso, o crescimento do aluno. A avaliação formativa não está a serviço das notas, mas do crescimento, da formação contínua, do amadurecimento da prática pedagógica e do processo de ensino-aprendizagem. Nesse aspecto, Freitas, Costa, Miranda (2014, p. 89) acrescenta:

A avaliação a serviço da aprendizagem tem o ensino como processual, dinâmico e constante, o controle neste modelo é utilizado para a atuação na dinâmica do processo. É incluyente, pois aceita a situação posta e trabalha para a superação, acolhe a situação tal qual se apresenta, a aprendizagem é um processo de conquista, e a prova um momento privilegiado de estudos. A prova como instrumento de avaliação, pode e deve ser utilizada, para que o aluno faça deste momento, construção de conhecimento.

Assim, compreende-se a avaliação formativa como uma ação contínua, como uma prática constante que está se reconstruindo diariamente. O ato de avaliar seria, nesse sentido, a oportunidade para construir os conhecimentos, para evidenciar o crescimento e os desafios, só através dessas evidências torna-se possível redimensionar de modo construtivo e efetivo a prática docente.

Nessa perspectiva, a avaliação formativa busca incluir o aluno no processo de avaliação, visando seu crescimento, oportunizando a potencialização de suas habilidades e colocando parâmetros ao professor para verificar se os objetivos pedagógicos foram alcançados, podendo dessa forma, redimensionar o processo de aprendizagem através de instrumentos que o auxiliem na construção dos conhecimentos, na aquisição dos saberes necessários para à formação integral do sujeito.

Dessa forma, observamos na avaliação formativa a competência para constatar se os objetivos estabelecidos foram atingidos pelos alunos, possibilitando também no professor a condição de refletir criticamente sobre sua prática para assim reconstruir sua ação docente, suas metodologias e repensar os instrumentos pedagógicos utilizados na mediação do conhecimento. Assim, avaliar nessa dimensão formativa, seria também informar sobre o processo, evidenciar as progressões e as dificuldades encontradas no cotidiano escolar. Sobre isso, Sant'anna (2001, p. 34) compreende:

Formativa tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios).

Portanto, a avaliação formativa constitui-se como ação mediadora do processo de aprendizagem, ferramenta que possibilita a compreensão das metodologias desenvolvidas, que busca cotidianamente a emancipação do sujeito em suas especificidades e coloca-o como centro do ato de avaliar, isto é, que o visualiza numa dimensão humana e não apenas técnica, que oportuniza seu crescimento contínuo e constrói bases que redimensionarão o ato de apreender.

Nessa perspectiva formativa, o professor direciona o processo de avaliar e o aluno o compreende como um convite a reflexão, a construção de conhecimentos e habilidades, sendo o professor o mediador dessa ação pedagógica e o aluno o determinante, pois seria a partir dos contextos sociais, das especificidades e particularidades de cada sujeito que o docente direcionaria sua prática e ressignificaria sua ação.

Assim, devemos oportunizar na avaliação a possibilidade de construção coletiva, descentralizando o professor dessa ação, antes colocando-o como sujeito que direciona o processo, mas não o determina, pois nessa concepção dialógica e emancipatória de avaliar, o aluno é evidenciado como sujeito que precisa estar inserido na construção do processo e não só e apenas submetido a ele. Ainda acerca dessa ação mediadora, Carminatti e Borges (2012, p. 174) evidencia:

Na perspectiva de uma avaliação mediadora, é possível desenvolver uma proximidade e intimidade maior com o processo ensino-aprendizagem, transformando a ação avaliativa em um momento de ação da aprendizagem e ainda em um momento de ação-reflexão-ação que apoiará futuras intervenções no que diz respeito ao currículo e seus desdobramentos no projeto político pedagógico de um curso.

Nessa perspectiva, a avaliação formativa que se caracteriza como mediadora, como ferramenta que possibilita a construção dos conhecimentos, é também instrumento de reflexividade docente, é ação que permite ao professor refletir e redimensionar sua prática, confrontando suas teorias e ressignificando-as diariamente em sua atividade docente. A avaliação formativa desenvolve-se como prática inclusiva e humanística, ação dialógica que é construída coletivamente, que é pensada com os sujeitos e não apenas para eles, é ação de esclarecimento e transformação.

É nesse aspecto que podemos evidenciar, na avaliação mediadora, a possibilidade de compreender que cada aprendizagem tem sua especificidade e é diferenciada em cada aluno, é nessa prática que podemos proporcionar tanto ao professor quanto ao aluno reflexões acerca das práticas pedagógicas utilizadas e a quem ela direciona e o que oportuniza. Portanto, a avaliação como prática formativa, mediadora, dialógica e humanística potencializa significativamente o processo de ensino-aprendizagem e possibilita a reflexividade crítica

docente, transformando o ato de avaliar em uma atividade necessária para compreender e potencializar a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Diante do que foi abordado podemos evidenciar a avaliação como instrumento direcionador da prática pedagógica docente. O ato de avaliar se constitui, nos paradigmas aqui explorados, como ação mediadora, como ferramenta emancipatória que possibilita ao sujeito se constituir através de experiências. São essas questões que norteiam o ato de avaliar, que sustentam a avaliação como prática intencional, diagnóstica, mediadora e potencializadora do processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação diagnóstica, assim sendo, tem se caracterizado como alternativa para reconhecer as habilidades prévias dos sujeitos discentes, essa ação possibilita ao docente compreender as especificidades de cada educando para assim direcionar sua prática através dos conceitos estabelecidos coletivamente. A avaliação diagnóstica apresenta-se como uma prática indissociável das demais avaliações que colocam os discentes como sujeitos produtores de conhecimentos, isso porque essa prática objetiva compreender o desenvolvimento cognitivo de cada sujeito para assim buscar ferramentas que potencializem os conhecimentos adquiridos.

Em decorrência disso, podemos compreender a avaliação formativa como uma ação mediadora que objetiva conduzir o sujeito discente a produção do conhecimento. O ato de avaliar nessa perspectiva é o ato de emancipar o sujeito, de direcioná-lo a construção e posteriormente a aquisição dos saberes. O docente direciona esse processo evidenciando no discente a potencialidade de desenvolver tal postura e assim produz ferramentas que possibilite a internalização desses conceitos de modo significativo, redimensionando sua prática pedagógica com o objetivo de incluir o sujeito no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a avaliação como prática diagnóstica e formativa surge numa perspectiva de aprimoramento e inclusão, possibilitando ao docente conduzir sua prática a partir dos conhecimentos prévios dos alunos e assim ressignificá-la para oportunizar uma mediação pedagógica transformadora, que evidencie no sujeito a predisposição para aprender e ensinar, para produzir seus conhecimentos e potencializá-los. Avaliar seria então direcionar um olhar crítico, dialógico, humanista, seria visualizar o discente em sua especificidade e conduzir o processo avaliativo como oportunidade para construção de conhecimento e aprimoramento docente.

REFERÊNCIAS

BELONNI, Isaura. Avaliação institucional: um instrumento de democratização da educação. **Linhas Críticas**, v.5, n 9, jul/dez, 1999.

BARLOW, Michel. **Avaliação escolar**: mitos e realidades. Tradução Fátima Murad- Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARMINATTI, Simone Soares Haas.;BORGES, Martha Kaschny. Perspectivas da avaliação da aprendizagem na contemporaneidade. **Est. Aval. Educ.** São Paulo, v. 23, n. 52, p. 160-178, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1734/1734.pdf>> Acesso em: 21/09/2017.

DEMO, Pedro. **Mitologias da avaliação**: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. 2. ed. Campinas-SP: Autores associados, 2002.

FREITAS, Sirley Leite.; COSTA, Michele Gomes Noé da.; MIRANDA, Flavine Assis de. Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica. **Meta**: Avaliação. Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, p. 85-98, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/217/pdf>>. Acesso em: 21/09/2017.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 5. Ed. São Paulo, Cortez, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos revista científica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.79-88, 2002. Disponível em: <www.luckesi.com.br>. Acesso em: 23/09/2017

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?**: Critérios e instrumentos. 7. ed. Vozes. Petrópolis 2001.